



Análise do discurso nas críticas literárias da revista Veja¹

Jones Gleysson Reis dos Santos²
Pollyanna Bastos Peixoto
Elianna Homobono

Universidade Federal do Pará - UFPA
Orientadora: Dr. Regina Lima

Resumo

Este artigo procura identificar nas críticas literárias da revista Veja os diferentes discursos convocados pelos críticos para legitimar a opinião da revista sobre os livros criticados, seja pela corroboração ou refutação destes discursos. Identificamos também estratégias de exercício do poder simbólico, utilizadas pelo veículo no sentido de influenciar, ou não, a leitura do livro pautado no texto. Para estes fins, foram elementos-chave na análise os conceitos de Polifonia, elaborado por Mikhail Bakhtin, e o conceito de Poder Simbólico, de Pierre Bordieu.

Palavras-chave

Crítica literária; Semiologia; Análise do discurso

¹ Artigo apresentado ao GT Teoria e Metodologia da Comunicação, do VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte.

² Os autores (contato: jonesrsantos@uol.com.br) são estudantes do 5º semestre do curso de graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará.



Introdução

Este artigo é o resultado de um estudo sobre o discurso utilizado nos textos da sessão de crítica literária da revista *Veja*. Partindo do conceito de Polifonia, elaborado por Mikhail Bahktin, procuramos identificar nesses textos as diversas vozes que compõem o discurso do crítico, pessoa detentora de certo capital simbólico, e que, a partir disso, tenta legitimar o ponto de vista da publicação para a qual escreve, seja pela corroboração ou pela refutação dessas vozes. Juntamente com isso, identificamos estratégias de exercício do poder simbólico (conceito de Pierre Bordieu) utilizadas pelo veículo para com seus leitores, no sentido de influenciar, ou não, a leitura do livro pautado no texto.

O primeiro capítulo deste trabalho faz um levantamento das principais contribuições de vários autores para a teoria semiológica, a qual fornece os instrumentos para a análise do discurso, de modo a contextualizar a elaboração dos conceitos que utilizamos nesta análise. O segundo capítulo apresenta a análise, com sua metodologia e resultados.



Capítulo I - Contribuições à Teoria Semiológica no século XX

A Semiologia pode ser definida como a ciência dos signos. Saussure a conceituou como a “ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, (...) que ensinará em que consistem os signos e as leis que os regem”³. Saussure foi o primeiro lingüista a atribuir valor ao signo, vinculando-o, dessa forma, ao princípio semiológico. Para Saussure, a língua é um sistema de valores constituído por diferenças; Nöth aponta essa contribuição do lingüista:

(...) de acordo com a visão estruturalista da semântica de Saussure, o significado é o valor de um conceito dentro do sistema semiológico como um todo. Estes valores semânticos formam uma rede de relações estruturais, nas quais não os conceitos em si, mas somente as diferenças ou oposições entre eles são relevantes semioticamente.⁴

A definição do signo em Saussure é a de uma combinação entre um conceito e uma imagem acústica. Ao conceito, Saussure denomina *significado*; e à imagem acústica, *significante*. Com isso, ele criava a noção didática do signo lingüístico, excluindo o objeto de referência dos estudos lingüísticos.

As contribuições de Saussure para uma teoria semiológica vão além da noção de signo. Ele ficou conhecido como o “pai do estruturalismo”, corrente teórica e metodológica dominante na década de 1960 e início dos anos 1970 em todo o espectro dos estudos humanos e sociais. Essa atribuição se deve a postulados criados pelo lingüista no intuito de delimitar o objeto da Lingüística no início do século XX. Entre esses postulados, o principal é a noção de *sistema*, chamado mais tarde de *estrutura*. O sistema saussuriano é a denominação dada à organização interna da língua, segundo a qual cada elemento só tem valor na relação com a totalidade do sistema. Destaca-se ainda, entre as proposições de Saussure, a separação entre a *língua*, o código lingüístico; e a *fala*, a maneira como cada indivíduo se apropria desse código. A partir daí, Saussure faz a diferenciação também entre a *sincronia* da língua e a *diacronia*. Para delimitar um objeto à Lingüística, Saussure atribui a esta a tarefa de estudar a língua em seu caráter sincrônico, desprezando sua constituição histórico-social (diacrônica)⁵.

As considerações de Saussure para a Lingüística acabaram sendo aproveitadas em meados do século XX para outras ciências. O método estruturalista foi o

³ Nöth, 1996:19, citando Saussure, 1916: 24

⁴ Nöth, 1996:35

⁵ Saussure, 1975



predominante na década de 1960 e início da década de 1970. A negação do caráter histórico e a desconsideração das subjetividades envolvidas no processo analisado, não importando a que área do conhecimento pertencesse, são marcas das obras dessa corrente. Daí decorre, para a Semiologia, uma análise imanente ao texto, desconsiderando suas condições de produção ou qualquer outra característica que não estivesse exposta no que foi verbalizado. A esse período correspondem as obras de Roland Barthes, que compõem o que se chamou de primeira e segunda fases da semiologia.

Quem reabilita a posição do sujeito no discurso é Benveniste. Ele afirma que “a língua é apenas uma possibilidade que ganha concretude somente no ato da enunciação, isto é, enquanto emprego e expressão de uma certa relação com o mundo”⁶. Ou seja, a língua só é válida na medida em que o sujeito, em sua subjetividade, se apropria dela. Com isso, Benveniste passa de uma *teoria do enunciado* para uma *teoria da enunciação*, que engloba não só o que está dito no texto, mas a maneira como é dito, bem como as condições de produção. A partir disso, é criada a proposição de que cada ato enunciativo é único. No entanto, Benveniste peca ao condicionar a subjetividade lingüística ao uso de pronomes pessoais que explicitem a presença do *eu*, produtor da mensagem, no texto, se dirigindo a um *tu*, o interlocutor.

Superando as proposições do método estrutural, uma gama de autores passa a incluir em suas análises a contextualização sócio-ideológica de produção das mensagens. Esses autores são considerados da terceira geração dos estudos semiológicos. Agora, os processos que compõe a enunciação passam a ser mais significantes à análise do que a estrutura dos enunciados. Tem-se então a emergência de uma análise do discurso, em substituição à análise de conteúdo (de cunho estruturalista) como técnica. O sentido que cada enunciado pode assumir não está mais restrito ao campo do significado, pois não está pronto nos objetos, sendo produzido em cada ato verbal. Isso permite a consideração da idéia de *efeitos de sentido*, pela qual o sentido de um enunciado só se completa no receptor. A consideração dos *efeitos de sentido* opõe-se à idéia de que o emissor é o único responsável pelas representações de seu discurso. O método comparativo toma o lugar da análise da estrutura nos estudos da comunicação lingüística e o lado humano e histórico é reintegrado aos estudos juntamente com a consideração da subjetividade.

⁶ Brandão, 2004:55



Mikhail Bakhtin foi quem elaborou alguns dos conceitos-chave para essa nova fase dos estudos semiológicos. Ele passa a considerar a linguagem como um lugar de conflito ideológico, por isso seu estudo não pode ser dissociado das condições de produção da mensagem emitida por um sujeito. Propondo os conceitos de *dialogismo* e *polifonia*, Bakhtin inaugura a semiologia pós-estrutural. Para isso,

(...) postula uma concepção do ser humano em que o outro desempenha um papel fundamental; para ele, o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao outro. (...) A palavra não é monológica, mas plurivalente, e o dialogismo passa a ser, no quadro de suas formulações, uma condição constitutiva do sentido.⁷

Por essa noção de dialogismo, pode-se afirmar que todo discurso dialoga com outros anteriores ou posteriores, de modo que o sujeito produtor só se constitui nesse diálogo. Bakhtin diz que, para construir seu discurso, o sujeito se apossa e se posiciona ante outros discursos socialmente estabelecidos, sendo essas relações entre eles permeadas pelo diálogo. Quando os outros discursos aparecem explicitamente na construção textual do sujeito falante, Bakhtin classifica o texto como polifônico. Se as outras vozes estão apenas implícitas no discurso, o texto é denominado monofônico.

É a partir disso que Bakhtin elabora sua *teoria da polifonia*. Segundo essa proposição bakhtiniana, o sujeito produtor de uma mensagem não deixa de recorrer, mesmo que inconscientemente, a outros discursos. Qualquer discurso produzido num determinado contexto social, historicamente situado e espacialmente demarcado, está impregnado de vozes. Essas vozes podem ser convocadas deliberadamente pelo sujeito produtor, ou podem estar presentes enquanto pressupostos da construção, com marcas ideológicas que transcendem a imagem que o sujeito falante faz de si mesmo na enunciação. Por esse conceito, o sujeito da enunciação passa a ser constituído pela troca dialógica entre personagens que se comunicam entre si.

A essa noção do discurso, enquanto um lugar no qual o sujeito falante constitui-se em meio a vários outros discursos que dialogam entre si, se une a idéia das relações de poder, que podem ser apreendidas da análise desse discurso. Contribuem para essa articulação entre poder e discurso os teóricos Foucault e Bourdieu.

Foucault afirma que o poder não é um elemento material que se possa ter. A existência do poder se dá nas relações entre indivíduos ou instituições. Só se pode

⁷ Brandão, 2004:62



exercer o poder, não possui-lo. “O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social. O que aparece como evidente é a existência de formas de exercício do poder diferentes do Estado”⁸. Foucault expande a compreensão da mecânica do poder do aparelho de Estado, identificando-o em todas as relações de comunicação que possam ser estabelecidas entre subjetividades, o que ele chama de *micropoder*⁹. O poder está disseminado no social, impregnado no cotidiano. A partir disso, Foucault estabelece um tipo de análise chamada *ascendente*, da instância micro para a instância macro, contrapondo-se ao tipo de análise *descendente*, que faz o caminho inverso e era a mais comum entre os teóricos de sua época. Dessa forma, as relações de poder no seio da sociedade passam a ser consideradas existentes também na produção dos discursos, em que deixa marcas. Mas não só compõe o discurso, como o próprio discurso pode ser entendido como uma forma de exercer o poder, já que se trata de um meio pelo qual se pode comunicar.

O conceito de *poder simbólico*, proposto por Bourdieu, é uma ferramenta importante à análise do discurso, e que vem ao encontro do *micropoder* de Foucault. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”¹⁰. Com essa definição, tem-se que o poder simbólico é uma forma exercida prioritariamente pelo discurso, o que o reveste de uma naturalidade, de modo a conferir-lhe o encobrimento que garante sua definição.

Essa noção de poder simbólico contextualiza-se com outros conceitos elaborados por Bourdieu. O *capital simbólico* (que pode ser o capital econômico, cultural ou social) é o conjunto de atributos que um indivíduo possui, os quais lhe permitem exercer o poder dentro de um determinado *campo social*. Os campos sociais são as instâncias de organização das diversas instituições da sociedade. Esses campos possuem relações entre si, que também são relações de poder. É importante frisar que o campo da mídia, enquanto um desses campos sociais, está em um lugar privilegiado para exercer o poder simbólico, através do discurso.

⁸ Machado, 1995:10

⁹ Foucault, 1979

¹⁰ Bourdieu, 2002:7



Capítulo II - Análise do discurso da crítica literária na revista *Veja*

A crítica literária da revista *Veja*, nos meses de março e abril de 2005, é o objeto da análise do discurso exposta nesse artigo. Este período foi escolhido por conter dois casos emblemáticos na crítica literária da revista. O primeiro foi a matéria que apontou o livro *Medicina Alternativa de A a Z* como uma “fraude”¹¹, e seus autores como “criminosos”¹², episódio complementado pela retirada arbitrária desse título da lista dos mais vendidos, publicada nas edições de *Veja*. O segundo caso foi o destaque dado ao lançamento mundial do livro *O Zahir*, de Paulo Coelho, ao qual foi destinada a matéria principal (capa) da edição correspondente, não só na revista *Veja*, como nas suas principais concorrentes: as revistas *Época* e *IstoÉ*. Esses episódios se deram, respectivamente, nas edições dos dias 2 e 23 de março de 2005.

Metodologia da Análise

Foram analisadas nove edições da revista *Veja*: cinco edições do mês de março de 2005 e quatro edições de abril. Em cada uma dessas revistas foram publicados dois textos de crítica literária, com exceção da edição de 20 de abril, que continha apenas um texto de crítica, totalizando 17 textos analisados. O embasamento teórico da análise tomou como eixos de partida os conceitos de *polifonia*, de Bakhtin contextualizado pela sua noção de *dialogismo*; e de *poder simbólico*, de Bourdieu. Esses conceitos foram expostos no primeiro capítulo.

A análise se propôs a identificar, no discurso dos críticos literários de *Veja*, os outros discursos convocados regularmente para legitimar seu ponto de vista, seja por cooperar com o sentido proposto para o texto ou para desfazer as argumentações contrárias às do crítico, que por acaso compõem as vozes convocadas. Para esse fim foi utilizado o conceito bakhtiniano. A identificação das estratégias discursivas utilizadas pelo crítico para influenciar o leitor da revista à leitura (ou não) do livro criticado também é um objetivo desta análise. O conceito de *poder simbólico* foi o instrumento que permitiu esse segundo fim.

¹¹ Valadares, Ricardo. Farsa de A a Z. *Veja*, 2 de março de 2005.

¹² Idem



Resultados

Antes de passar aos discursos identificados na crítica literária da revista *Veja*, é necessário fazer algumas considerações sobre esses textos, percebidas de antemão:

1. Os textos de crítica literária apresentam uma linguagem diferente, mais elaborada do que os textos de reportagem;

2. Os textos de crítica literária publicados na revista são direcionados a um público-alvo específico (a própria elaboração da linguagem dá essa indicação). Esse público é composto de leitores-compradores de livros, os quais, pressupõe a revista, possuem uma cultura literária mínima, inferência feita a partir das referências presentes nas críticas a outras obras ou autores;

3. Dos 17 textos analisados, 10 são de autoria do mesmo crítico, Jerônimo Teixeira; 2 de Moacyr Scliar; 2 de Rinaldo Gama; 1 de Francisco Mendes; e os outros dois não são de críticos, mas de repórteres. São justamente as matérias sobre o livro *Medicina Alternativa de A a Z* e sobre o escritor *Paulo Coelho*. Quem assina esses textos são os jornalistas Ricardo Valadares, no caso do primeiro, e João Gabriel de Lima com Antônio Ribeiro, no caso do segundo texto. No entanto, a diferença entre os autores dos textos analisados não resultou em diferenças significativas para os objetivos propostos neste trabalho, de modo que essa variável não foi levada em consideração;

4. Consideramos em nossa análise como sendo os “outros discursos”, aos quais recorre o crítico, não apenas as vozes explicitamente colocadas em discurso direto (citação entre aspas) ou indireto, mas as informações já estabelecidas por fontes de interesse jornalístico. Por exemplo, a quantidade de exemplares do livro criticado já vendidos em outro país é uma informação que consideramos dentro do *discurso da popularidade*, como será explicado a seguir;

5. Embora tenhamos escolhido as edições de março e abril de 2005 para a análise pela presença dos textos sobre os livros *Medicina Alternativa de A a Z* e *O Zahir*, os quais consideramos emblemáticos, essa variável não se mostrou relevante no



conjunto geral do estudo, visto que os elementos discursivos presentes nesses dois textos não diferem em grande medida dos elementos presentes nos outros textos.

Foi possível identificar na análise a recorrência regular a quatro tipos de discursos:

1. **Discurso dos pares:** é o discurso do meio literário. Dá indicações de como o livro lançado (e criticado) é recebido por outros autores de produção semelhante. Também pode se manifestar pela comparação do livro com outros já (supostamente) conhecidos do leitor da revista.

O seguinte trecho exemplifica a recorrência a esse discurso:

No meio sectário da poesia brasileira, Ascher é difícil de classificar. (...) “Ele é um autor de idéias fascistas e formas reacionárias”, ataca o poeta Frederico Barbosa, organizador de *Na Virada do Século*, antologia da “poesia de invenção” brasileira na qual Ascher não está incluído¹³.

Jerônimo Teixeira, na crítica à qual pertence esse trecho, defende a leitura do livro de poesias *Parte Alguma*, de Nelson Ascher. No referido exemplo, tem-se que o discurso dos pares (no caso, representado por Frederico Barbosa), que expressa uma opinião negativa a respeito da poesia de Ascher, é chamado para ser desqualificado, como indica o uso do adjetivo “sectário” e do verbo “atacar” no trecho transcrito.

2. **Discurso da popularidade ou do mercado:** se manifesta por meio de recursos como a quantidade de exemplares que um livro já vendeu em outro país (quando é uma tradução), ou a quantidade de referências feitas a ele direta ou indiretamente, como no exemplo:

o autor de *A Volta do Parafuso* [Henry James] aparece como personagem de três livros recentes: *Author, Author*, do inglês David Lodge, *Felony*, da também inglesa Emma Tennant, e *O Mestre*, do irlandês Colm Tóibín. Até agora o único dessa leva a ser lançado no Brasil, o livro de Tóibín faz jus ao título: é um retrato de corpo inteiro de um mestre da literatura.¹⁴

¹³ Teixeira, Jerônimo. O poeta na trincheira política. *Veja*, 30 de março de 2005, p. 130

¹⁴ Seliar, Moacyr. Retrato de corpo inteiro. *Veja*, 27 de abril de 2005, p. 146



O trecho da crítica do livro *O Mestre* usa a referência a outras obras sobre o mesmo assunto, ou melhor, sobre o mesmo personagem, o escritor Henry James, para dizer que estão sendo produzidas muitas obras a esse respeito, pressupondo a importância que tal tema (ou personagem, neste caso) deve possuir.

3. Discurso da consagração: aparece quando o livro criticado é de um autor que já conquistou seu lugar no meio literário, de modo que a crítica em si perde espaço no discurso para a figura do autor. Exemplo disso é a crítica ao livro *Questão de Ênfase*, de Susan Santag.

Embora Susan Santag buscasse o reconhecimento como ficcionista, sua vocação estava no ensaísmo. É nesse gênero que a escritora americana – que morreu de leucemia em dezembro passado, aos 71 anos – compete por um lugar na história literária dos Estados Unidos.¹⁵

4. Discurso do público leitor da revista: o crítico antecipa as impressões ou opiniões que o leitor poderá vir a ter caso leia a obra criticada. Por exemplo: “Nelson Ascher, aos 46 anos, também é um dos melhores poetas de sua geração, o que o leitor pode comprovar em *Parte Alguma*, sua quarta coletânea de poemas”¹⁶. Essa voz é mais comum na criação discursiva, mesmo que não explicitamente como no trecho destacado.

Esses discursos encontrados regularmente na crítica literária não ocorrem isolados, mas dialogam entre si como Bakhtin propusera. O segundo ponto de análise, sobre as estratégias usadas para o exercício do poder simbólico pela revista sobre os seus leitores, levou aos seguintes resultados: existem três principais estratégias para o exercício desse poder – a objetivação da crítica, o foco da narrativa deslocado do livro para o autor, ou para o assunto da obra. Essas estratégias são usadas para influenciar, ou não, a leitura da obra, sem, contudo, usar expressões como “leia” ou “compre”, típicas da função apelativa da linguagem.

1. A objetivação da crítica: a noção de objetividade em um texto qualquer não passa de um mito. No que tange aos textos críticos, menos ainda. No entanto, os textos

¹⁵ Gama, Rinaldo. Intelectual de passeata. *Veja*, 23 de março de 2005

¹⁶ Teixeira, Jerônimo. O poeta na trincheira política. *Veja*, 30 de março de 2005



analisados neste estudo usam as mesmas diretrizes do jornalismo para esconder o sujeito produtor da mensagem e dar caráter de verdade ao que está sendo dito. Indicação disso é a ausência de pronomes ou verbos na primeira pessoa, sendo majoritário o uso da terceira pessoa para dar impessoalidade à narrativa, que em sua essência é totalmente personalista.

2. Deslocamento do foco textual

2.1. Do livro criticado para seu autor: o texto centra seus argumentos na figura do autor, e não no livro lançado. Essa estratégia é usada quando o autor em questão já é conhecido por obras anteriores. Podem-se destacar entre as matérias analisadas aquelas que tratam do lançamento dos livros *Representações do Intelectual*¹⁷, de Edward Said; *O Zahir*¹⁸, de Paulo Coelho; *Questão de ênfase*¹⁹, de Susan Santag; *Parte Alguma*²⁰, de Nelson Ascher e *Para Não Dizer Adeus*²¹, de Lya Luft. Com essa estratégia, a crítica influencia a leitura do livro sem falar do livro propriamente, mas pela aura em que seu autor está envolvido.

2.2. Do livro para os fatos que o compõem: neste caso a crítica é construída como se fosse um relato do fato, ou dos fatos que figuram na obra. É o que acontece principalmente com as críticas de livros-reportagem e biografias. A estratégia, nesse caso, consiste em envolver o leitor no conteúdo do livro já pela crítica, de modo que ele busque a leitura do livro para ampliar as informações que a crítica já trouxe a ele. Incluem-se nesse grupo as matérias sobre os livros *Bood on The Street*²², de Charles Gasparino; *Marcel Duchamp*²³, de Calvin Tomkins; *Como o Futebol Explica o Mundo*²⁴, de Franklin Foer; *Roosevelt*²⁵, de Roy Jenkins; *Brasil: Palco e Paixão*²⁶, de Leonel Kaz e *O Mestre*²⁷, de Colm Tóibín.

¹⁷ Scliar, Moacyr. Em praça pública. *Veja*, 9 de março de 2005

¹⁸ Lima, J. G. e Ribeiro, Antônio. Paulo Coelho no topo do mundo. *Veja*, 23 de março de 2005

¹⁹ Gama, Rinaldo. Intelectual de passeata. *Veja*, 23 de março de 2005

²⁰ Teixeira, Jerônimo. O poeta na trincheira política. *Veja*, 30 de março de 2005

²¹ Teixeira, Jerônimo. Sabedoria em versos. *Veja*, 20 de abril de 2005

²² Mendes, Francisco. A farra dentro da bolha. *Veja*, 9 de março de 2005

²³ Teixeira, Jerônimo. O grande moleque modernista. *Veja*, 6 de abril de 2005

²⁴ Teixeira, Jerônimo. O mundo cabe no gramado. *Veja*, 13 de abril de 2005

²⁵ Gama, Rinaldo. Retrato de um gigante. *Veja*, 13 de abril de 2005

²⁶ Teixeira, Jerônimo. O Brasil na ribalta. *Veja*, 27 de abril de 2005

²⁷ Scliar, Moacyr. Retrato de corpo inteiro. *Veja*, 27 de abril de 2005



Conclusão

A análise feita neste trabalho permitiu expor algumas das marcas deixadas pelo processo de produção dos textos de crítica literária na amostra selecionada da revista *Veja*. O trabalho demonstra como os conceitos de Bakhtin, um filósofo da linguagem, e Bordieu, um sociólogo, podem ser aplicados ao entendimento das relações que perpassam o processo comunicativo. A análise aqui desenvolvida pode ser ampliada, levando em consideração um período maior de circulação da revista, ou mesmo a comparação com outros veículos de mídia, de modo a permitir a identificação de um número maior de discursos recorrentes e de estratégias de exercício do poder simbólico no que concerne à crítica literária.



Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Diefel, 1989.

BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 6ª edição. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução de Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

NOTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

SAUSURRE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelinit, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.